

“OS FINALISTAS”

por

LUIS FAZ de CAMÕES

CANTO I (e único)

As damas e os machões envergonhados,
Que a acabar este curso agora estão,
Depois de sete anos esforçados,
E de muitos sacrifícios que lá vão,
Querem ver seus feitos registados,
Numa folha de papel ou papelão,
Ou mesmo numa estátua de granito,
Como aquelas que havia no Egipto;

E também as memórias saudosas,
Daqueles que ficaram pl'o caminho,
Sujeitos às iras furiosas,
Do Pai da Mãe ou do Padrinho,
Ou doutras pessoas poderosas,
De quem vinha sempre o dinheirinho.
Cantando espalharei toda esta história,
Se a tanto me ajudar o lápis e a memória.

Parem os conselhos dos Doutores,
E os feitos ilustres que fizeram.
Cale-se a voz de alguns senhores,
Que sempre a nossa voz calar quiseram.
Acabem para sempre os professores,
Que dar suas aulas não souberam.
Cessem promessas, que já não adianta,
Pois outro valor mais alto se alevanta.

E vós colegas minhas inspirai-me,
Rogai ao Céu que me dê algum valor,
Deuses e Demónios ajudai-me,
P'ra que eu cante estes feitos com calor.
E se capaz não fôr, então matai-me,
Lentamente p'ra que tenha alguma dôr.
Pois jamais poderia suportar,
A ideia destes feitos mal cantar.

Ouvi pois com atenção suas façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas.
Coisas alegres, tristes, mesmo estranhas,
Que parecem até mui duvidosas.
As verdadeiras, essas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Histórias de sangue e de terror,
Ou mesmo as trajédias de amor.

Era um mar de gente, mais de mil,
Que há sete anos este curso começaram.
Faltavam só seis meses para Abril,
(Mês que quase todos afamaram)
Tinham quase todos um ar mui infantil,
Já que bem novinhos lá chegaram;
E iam de esperança a abarrotar,
Em o curso bem depressa terminar.

— Fomos conduzidos p'rá Junqueira,
P'ra dos velhos nos poderem desviar,
Pois o professor Torres Pereira,
Novo curso queria começar,
Sem contágio, e sem haver maneira,
Duns e outros se poderem encontrar.
Já que o tempo estava a evoluir,
E não convinha os superiores desiludir.

Bioquímicas mais as Matemáticas,
Coisas novas havia naquele ano.
Havia aulas teóricas e práticas,
Tiradas da cabeça do fulano.
Promessas quase que lunáticas,
P'ra melhor nos levarem no engano,
Do curso podermos encurtar,
E em cinco anos o podermos acabar.

Mas eis que de repente Abril chegou,
E vieram tempos de mudança.
A malta o Torres Pereira saneou,
E tomou nas suas mãos a liderança,
Do curso e da reforma que ficou,
Agora numa grande segurança.
Pois quando são os leigos a mandar,
E tudo muito fácil de acabar!

Porém o engano foi tamanho,
E perdeu-se tanto tempo a discutir,
A forma, o conteúdo e o amanhã,
Da nova reforma do porvir,
Que não se obteve qualquer ganho,
Em outro curso andar a descobrir.
Acabou por um ano ser pedido,
O que tornou o novo curso mais comprido.

Correu-se então á desfilada,
O perdido tentando recuperar:
Cadeira feita, cadeira começada,
Para em cinco anos, o curso acabar.
Porém, era pequena esta passada,
Pois nem seis acabaram por chegar,
Para ouvir todas as lições,
Dadas por uns grandes figurões!

Agora ao fim de sete, aqui estamos,
Finalmente o nosso curso a acabar.
O tempo que perdemos, lastimamos,
Mas já não vale a pena alguém culpar.
Há é que fazer os possíveis p'ra que vamos,
o estágio muito em breve começar,
Nas vilas, nas aldeias ou cidades,
Nos locais de maiores necessidades.

E já que no futuro nos vamos separar,
Por força do destino, ou profissão,
Podíamos desde agora combinar,
Se isso não trouxesse confusão,
Um dia certo, para celebrar,
Em cada ano, esta ocasião.
E esta a proposta que vos deixo,
Só espero que não caia no desleixo.